

# ‘Os brasileiros saem para buscar a n

Continuação da página 5

**JU – De uma certa maneira, repete o que ocorreu no final do século XIX e começo do XX.**

**Rosana Baeninger** – Exatamente. Isso é interessante, já que não podemos atribuir o fenômeno apenas à globalização. Não se trata de uma questão isolada. A cidade de São Paulo tem um histórico que condiciona essas migrações. Fizemos uma pesquisa em Corumbá justamente para checar se a migração para a metrópole de São Paulo substituiu uma migração de fronteira.

**JU – E qual foi a conclusão?**

**Rosana Baeninger** – Isto não ocorre. Constatamos que a migração de fronteira continua tendo a mesma força de antes. São contingentes populacionais totalmente diferenciados: alguns saem da Bolívia para Corumbá e outros rumam para São Paulo. Em Corumbá, por exemplo, eles são feirantes e a migração feminina é muito forte – na Bolívia, era a profissão delas. Já em São Paulo a ocupação é eminentemente masculina – no caso, as confecções. Trata-se de um componente curioso, uma vez que, na nossa cultura, o ramo é associado às mulheres.

O Brasil vai se inserir nessas rotas da migração internacional pela dimensão de São Paulo no contexto internacional. Por se tornar uma metrópole financeira, ela participa intensamente dessa reestruturação produtiva e a migração internacional é um dos elementos que vai cada vez mais consolidar essa região metropolitana como um polo econômico dinâmico e de referência.

**JU – Estudiosos apontam que cada vez mais a industrialização perde força em São Paulo, na mesma medida em que o setor de serviços se torna mais forte. O fato de voltar a ser rota de migração internacional não joga por terra essa tese?**

**Rosana Baeninger** – O que pode ter havido é uma desconcentração dessa indústria em termos espaciais. O professor Wilson Cano, do Instituto de Economia, sempre diz que a parte financeira do país é gerenciada por São Paulo.

**JU – O fenômeno independe, então, do tipo de atividade.**

**Rosana Baeninger** – Exatamente. E esse fenômeno da imigração internacional está relacionado justamente aos grandes centros financeiros mundiais e, por isso, se expressa na região metropolitana da capital. O interior de São Paulo, por exemplo, não registra esse movimento internacional de estrangeiros. No caso do interior, de um lado, constatamos mais a chegada significativa de coreanos e chineses, que se estabelecem no comércio. É bom lembrar que nos dois casos, já na década de 1940, eles vinham para se estabelecer em colônias agrícolas. De outro lado, os casos são bastante circunscritos a algumas especificidades, em particular pela localização de indústrias transnacionais.

Os coreanos e chineses, por exemplo, têm uma participação importante no mercado de jóias em Limeira. É, mais do que tudo, a questão do capital internacional que vem entrando no estado mais rico da Federação.

**JU – Quando se deu a vinda desse novo contingente para o interior?**

**Rosana Baeninger** – Essa nova onda de coreanos e chineses para o interior de São Paulo começou praticamente agora, no final desta década em curso. Trata-se de um fenômeno muito recente, do século XXI. Na capital, ela vem acompanhando par e passo o próprio desenvolvimento da metrópole, como centro da riqueza do país.



Foto: Antoninho Perri

**JU – Em estudo recente do Nepo, o Rio de Janeiro aparece como centro receptor de africanos. Qual a explicação para esse fenômeno?**

**Rosana Baeninger** – De um lado, temos uma migração cujo vínculo com a dinâmica econômica do cenário internacional é muito forte. De outro, nesse cenário internacional, há a questão dos refugiados e, nela, a formação histórica do Rio de Janeiro tem um peso muito forte, sobretudo no caso dos africanos.

São Paulo também registra o fenômeno, mas comporta também uma migração latino-americana. Como exemplo, podemos citar colombianos e cubanos refugiados. Nesse novo cenário das rotas das migrações, não entra apenas aquela estritamente vinculada aos processos de reestruturação produtiva.

**JU – Outros fatores também pesam.**

**Rosana Baeninger** – Nas relações internacionais, a migração dos refugiados entra como uma dessas modalidades migratórias. Como o Brasil é o país da América Latina que tem a mais avançada legislação sobre refugiados, São Paulo e o Rio de Janeiro são os dois polos desse tipo de migração. No caso do Rio, a migração é mais de africanos – sobretudo, solteiros e individuais – enquanto, em São Paulo, é mais familiar no que diz respeito a contingentes de refugiados.

**JU – E os outros países da América Latina?**

**Rosana Baeninger** – A Argentina é também um polo de migração de bolivianos – e de paraguaios, em menor escala –, mas também se trata de um processo histórico, até porque a questão da fronteira lá é mais forte do que no Brasil. Buenos Aires tem uma migração muito forte de bolivianos na região metropolitana.

Na verdade, o que São Paulo demonstra é o fato de integrar essa rede internacional das metrópoles. Uma das características dessas cidades é justamente a entrada desses novos imigrantes internacionais que, antes, não faziam parte dos fluxos históricos. Particularmente, uma migração de asiáticos e de latino-americanos, muitos dos quais vêm trabalhar para coreanos e chineses.

A novidade, portanto, é que não se trata mais de uma migração Brasil-Paraguai, por exemplo, num contexto de país em desenvolvimento que estava apenas transferindo seu estoque de população para outra nação. Como disse anteriormente, essa onda ocorre muito mais pelo fato de o Brasil se inserir numa rota de capital e de mão-de-obra internacional. E o curioso é que ele entra tanto na imigração como na emigração.

**JU – De que forma?**

**Rosana Baeninger** – Nossa emigração não é apenas para os Estados Unidos e Japão, como vai atingir quase todos os países da Europa, respondendo a essa dinâmica de mobilidade do capital.

**JU – Ou seja, a reestruturação também empurrou muita gente para fora. Em que medida essa fuga de cérebros é prejudicial?**

**Rosana Baeninger** – Esse é o nosso problema. A maior parte desse contingente que sai tem no mínimo o segundo grau completo e muitos concluíram o curso superior.

**JU – A que pode ser atribuído esse fenômeno?**

**Rosana Baeninger** – Para além do circuito internacional do capital, parte das nossas interpretações, mais do que imaginar que é a crise econômica que faz essas emigrações, é movida por uma questão que respondia antes as migrações internas.

**JU – Por quê?**

**Rosana Baeninger** – Antes, nossas migrações eram elementos de mobilidade social. Hoje, elas não são mais. Temos trabalhado com o aporte teórico de que parte dos brasileiros que saem é para buscar, pelo menos em seu imaginário, a mobilidade social inatingível no Brasil. Antes, o diploma de terceiro grau era garantia de emprego; hoje, não é mais passaporte para o mercado de trabalho. Assim, eles retornam depois de adquirido algum



Foto: Antonio Scarpinetti

Boliviana se prepara para apresentação de grupo folclórico em evento na capital paulista: censos mascaram número real de imigrantes

bem que não poderia ser conquistado no Brasil. Isso talvez não seria possível com a migração interna.

**JU – Eles partem então com a expectativa de retorno?**

**Rosana Baeninger** – Isto está mudando também. Essa expectativa era muito mais forte na década de 1990. O que ocorre agora é que, como já não é mais a primeira ou segunda onda migratória – já temos mais de uma década desse fluxo –, foram formadas redes sociais nos destinos. Mesmo que ele não tenha emprego, muda a expectativa temporal. Eles esperam mais um pouco antes de ir embora.

Com toda essa crise, temos cerca de 250 mil brasileiros no Japão. Desse total, retornaram quatro mil – sendo que, no mesmo período, partiram seis mil. As redes migratórias, na origem e no destino, continuam a alimentar o fluxo. Com isso, diminuí muito a perspectiva do retorno.

Na perspectiva teórica mais conservadora das interpretações do fenômeno, a emigração é excelente, pois sua resposta positiva é o envio de remessas e esse movimento diminui a pobreza, gera divisa e investimento no país. Contudo, estamos perdendo recursos humanos qualificados do país. Ocorre que, com essa mudança na expectativa temporal, eles acabam ficando mais tempo do que imaginavam em razão dessas redes. Um exemplo é o Japão. Não havia antes redes sociais – todo mundo ia contratado; acabado o tempo previsto, o trabalhador voltava. Isso mudou muito, assim como a política migratória – o visto no Japão hoje vale

por dez anos. Mesmo desempregado, o brasileiro pode continuar lá.

**JU – O que muda nessa relação?**

**Rosana Baeninger** – O brasileiro pode inclusive trabalhar para um conterrâneo... Ademais, ocorre que, à medida que aumenta a expectativa temporal, o investimento do migrante é no lugar de destino e não mais de origem. Diminuí também a remessa. Isso acontece, por exemplo, também na Colômbia. O país criou vários programas destinados às segunda, terceira e quarta gerações – como política implícita –, com o objetivo de fomentar o envio de remessas. Eles têm direito ao voto e à aposentadoria, sendo que muitos sequer pisaram na Colômbia.

O discurso da emigração, numa perspectiva conservadora – e particularmente das agências internacionais – dá conta que a emigração não é uma coisa ruim, nem para o país de origem nem para o destino. Por essa lógica, o destino está ganhando uma mão-de-obra qualificada e a origem está ganhando divisas. Mas é óbvio que se trata de uma equação desequilibrada, em particular pelo fato de esses migrantes internacionais não terem seus direitos humanos reconhecidos no país de destino.

**JU – Em que medida?**

**Rosana Baeninger** – Porque nós perdemos recursos humanos – e o país investiu muito neles. E, se formos contabilizar custo-benefício, à medida que esse migrante não retorna mais, estamos perdendo nosso capital humano. Não há, portanto, uma resposta migra-

tória no que diz respeito a uma teoria de ajuste econômico para a migração.

**JU – E trata-se, invariavelmente, de um tipo de ocupação que não é exatamente muito nobre...**

**Rosana Baeninger** – Exatamente. Toda teoria vai dizer que os migrantes estarão no mercado secundário de trabalho. Parte deles, por exemplo, é clandestina, sem documentação. E, mesmo que eles se tornem legalizados, não sobem de patamar no mercado de trabalho.

**JU – E, mesmo assim, eles preferem ficar no destino?**

**Rosana Baeninger** – Aqueles que conseguem permanecer, sim. Há uma questão migratória fundamental, que é de fundo demográfico. Os países europeus, por exemplo, têm baixa natalidade e isso faz com que várias populações estejam abaixo do nível de reposição. Eles só crescem quando têm imigração. O que eles fazem? Abrem a “torneirinha” quando precisam, para, depois, fechá-la.

**JU – Quantos brasileiros vivem hoje no exterior?**

**Rosana Baeninger** – O consulado brasileiro estima em 4,5 milhões. Quando começamos a estudar essa temática, em 1995, esse contingente era composto de um milhão de pessoas. Calculamos que existam de 4,5 milhões a 5 milhões de brasileiros lá fora.

**JU – Quais são as perspectivas quanto a esse movimento?**

**Rosana Baeninger** – Esse fenômeno não vai terminar. Existe uma mobili-